

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

A PSICOSE SEGUNDO A TEORIA FREUDIANA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Karen Massae Prado Tanabe (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Helio Honda (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil);

contato: karenmassae@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise. Psicose. Paranoia. Renegação. Narcisismo.

O objetivo deste trabalho foi explicar a concepção de psicose segundo a teoria freudiana. A metodologia utilizada para construir a pesquisa é de caráter bibliográfico, consistindo em levantamentos de textos teóricos sobre o tema da psicose, com embasamento nas obras de Freud. O fenômeno da psicose não era posto como atualmente, uma desorganização psicológica, e sim como um distúrbio cerebral ocasionando ao sujeito comportamentos indesejáveis perante a sociedade e suas exigências normativas. Por isso, para contextualizar as ideias psicanalíticas sobre a psicose, foi feita uma exposição preliminar sobre a transição da noção geral de loucura para o conceito psiquiátrico de psicose, abordando primeiramente uma breve síntese da apropriação do termo loucura pelos psiquiatras, valendo-se de *Manuais de psiquiatria* e do *DSM-5*. Além disso, foram consideradas ideias de alguns autores, como Foucault (1975) e Szas (1978), que fizeram a crítica da prática de aprisionamento de indivíduos diagnosticados como psicóticos adotado pelos psiquiatras na época.

A partir dessa contextualização, passamos à explicitação de alguns conceitos psicanalíticos para melhor compreensão do assunto, já que a psicanálise começou com o estudo das neuroses. Para tanto, servimo-nos de algumas obras de Freud, como *Cinco lições de psicanálise* de 1910 (FREUD, 1996), importantes para uma compreensão histórica abrangente das ideias freudianas sobre as neuroses. Também utilizamos uma de suas principais obras para entender a constituição do aparelho psíquico, *O Eu e o Id* de 1923 (FREUD, 2011), necessária para a descrição do mecanismo psíquico de defesa da psicose.

Do ponto de vista histórico, os estudos concentraram-se inicialmente em torno das históricas, antes já tematizada por Charcot em sua atividade junto ao hospital Salpêtrière, utilizando-se como forma de tratamento o método hipnótico. Entretanto, esse distúrbio considerado essencialmente feminino era tratado pelo médico francês por meio do método anatomopatológico, que buscava encontrar lesões ou inflamações como justificativas aos comportamentos anormais. Embora Freud tenha se inspirado nas ideias de Charcot, em

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Estudos sobre a histeria, publicado em 1895 (BREUER; FREUD, 2016), Freud propõe um novo olhar, baseado em um método que poderia ser denominado psicopatológico, estipulando a histeria como uma doença psíquica, associando-a junto das neuroses. Desde então, a psicanálise freudiana se aproximou do campo das neuroses, formulando uma concepção de psiquismo totalmente distinta de outras várias que já haviam concebida até então. A partir daí, Freud dedicou a maior parte de suas obras para constituir uma teoria sobre as neuroses, chegando a isolar um mecanismo defensivo que explicaria o funcionamento do psiquismo neurótico, nomeando-o de repressão [*Verdrängung*]. Tal mecanismo visa reprimir uma ideia ou um desejo irrealizável, deixando marcas mnêmicas no inconsciente, e por ser impossível sua realização – em prol dos diques psíquicos (asco, vergonha e moral) – expressa-se no sujeito em forma sintomática.

A psicose, no entanto, consistiria em quadros patológicos distintos do das neuroses. Por isso, ao longo do movimento psicanalítico, Freud considera necessário formular uma nova concepção sobre o aparelho psíquico capaz de englobar e explicar, além do mecanismo de formação das neuroses, o mecanismo de formação das psicoses. A primeira concepção tópica sobre o psiquismo consistia na distinção em inconsciente e pré-consciente/consciente, e foi reconhecida como insuficiente para explicar os processos psicopatológicos que ultrapassavam o modelo da neurose. Com a publicação em 1923 de *O Eu e o Id*, Freud (2011) apresenta a forma nova com que tenta dar conta da estrutura e funcionamento do psiquismo, a segunda tópica do aparelho psíquico, descritas pelas instâncias Id, Eu e Super-eu. Essa nova concepção de psiquismo possibilita a Freud avançar na explicação do mecanismo de defesa que estaria presente na base da psicose.

Posto isso, cabe expor a diferença entre neurose e psicose utilizando como base as obras freudianas de 1924, *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*, a fim de mostrar como Freud busca esclarecer o fenômeno da psicose. Para distinguir ambas, Freud (2016) propõe uma fórmula bastante simples: na neurose o conflito perturbador estaria entre o Eu e o Id, ao passo que a psicose decorreria de um conflito entre o Eu e o mundo externo. Entende-se então que na psicose o Eu estaria mais a serviço do Id afastando-se de uma parte da realidade, para atender aos anseios daquele. Ao contrário da neurose em que o predominante no psiquismo está sob influência do mundo real; a psicose se diferencia por recusar o mundo exterior, a sua realidade, e procura substituí-la por meio da alucinação.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

A partir disso, fica claro que o mecanismo da repressão (que é desencadeado pelo Eu e voltado para defender-se da libido proveniente do Id) serviria para explicar as neuroses, já que na psicose o que se tem é uma recusa da realidade e uma reestruturação da mesma. Dessa forma, Freud circunscreve para a psicose um mecanismo de defesa mais específico, o mecanismo da renegação [*Verleugnung*], que proporcionaria as condições psíquicas para a construção de uma nova realidade, menos produtora de desprazer e frustração, pois mais em acordo com os desejos do Id. A renegação, segundo Laplanche e Pontalis (2001), caracteriza-se pelo seu modo de defender-se do mundo externo, recusando assim a realidade de uma percepção traumatizante (dificuldade em aceitar que a mulher não possui um pênis, ou seja, o complexo de castração).

Deste modo, a partir do artigo *Fetichismo*, publicado em 1927, Freud (2016) considera ser possível verificar a relação entre renegação e complexo de castração, aparentando ser necessário renegar a castração ante a ameaça em perder o pênis. Isso relaciona-se também com o narcisismo, descrito desde 1914 no artigo *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 2010) como um alargamento do Eu decorrente de um grande depósito libidinal voltado a ele, o que ajuda a compreender que o acionamento do mecanismo da renegação ou recusa da realidade se daria em prol desse Eu narcisicamente inflado. Isso, faz com que o sujeito retire seus investimentos libidinais do mundo externo e volte-os para o Eu. Esse movimento seria característico da psicose, essencialmente do delírio de grandeza, no qual o Eu põe-se ao Id como objeto amoroso. Utilizamo-nos de vinhetas clínicas extraídas do caso Schreber para retratar esse movimento.

Em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia* (“*O caso Schreber*”), publicado em 1911, Freud (2010) discute os sintomas associados à psicose paranoica de que sofria o Dr. Schreber, como megalomania e delírios de perseguição. Na formação desses sintomas predominariam o mecanismo da renegação e da projeção. Tais mecanismos de defesa são isolados para explicar a psicose e a paranoia como seu subtipo. De acordo com Simanke (2009) o caráter principal da paranoia é a regressão libidinal ao estágio narcísico e sua fixação no mesmo, usando da repressão para tal, quando após esse retorno, o paranoico projeta a libido para o mundo novamente, almejando encontrar a cura. No entanto, sucede o contrário, o sujeito acaba por contradizer suas pulsões por meio da recusa, visto que a mesma já havia sido reprimida. O marcante patogênico da paranoia está não só na libido que fora afastada de coisas e pessoas anteriormente amadas, mas na veemente recusa em

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

abandonar seu amor objetal. Destarte, o que temos na paranoia é a alucinação como consequência da projeção e, tratando-se de uma psicose, observa-se também a alucinação como realização dos desejos. A psicose, especialmente a paranoia, não quer compensar a perda da realidade à custa de uma limitação do Id, assim como fazia a neurose à custa do vínculo com o real, mas sim por outras vias mais compensatórias, mais autônomas: a da alucinação, da recriação de um novo mundo.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FOUCAULT, Michel. A grande internação. In: _____. **A história da loucura na Idade Clássica**. Tradução de: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: _____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução de: Paulo César de Souza. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução de: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927). In: _____. **Neurose, psicose e perversão**. Tradução de: Maria Rita Salzano Moraes. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KOLB, Lawrence. Psicopatologia. In: _____. **Psiquiatria clínica**. Tradução de: Sonia Regina Pacheco Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-bertrand Lefebvre. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PATCH, Vernon D.; SALOMON, Philip.; Doenças Psiquiátricas. In: _____. **Manual de psiquiatria**. Tradução de: Aron Gelman. São Paulo: Atheneu, 1975.

SIMANKE, Richard Theisen. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SZASZ, Thomas. A Identificação do Malfeitor. In: _____. **A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental**. 2. ed. Tradução de: Diante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.